A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM NO *ÚLTIMO HORIZONTE*

Madalena Aparecida Machado (UNEMAT)[1]

RESUMO: A produção literária de Ricardo Dicke é marcada pelo esmero em compreender a figura humana. *Último horizonte* apresenta um personagem singular que oferece um conhecimento sobre o homem ao qual nos concentramos neste texto. A rememoração, a vivência para além das atividades práticas promovem a inquietude distintiva na narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Dicke; Narrativa; Homem; Atualidade.

ABSTRACT: Ricardo Dicke's literary production is marked by the care in understanding the human figure. *Último horizonte* introduces a singular character that offers a knowledge on the man to which we concentrated on this text. The remembrance, the existence for besides the practical activities they promote the distinctive restlessness in the narrative.

KEYWORDS: Dicke; Narrative; Man; Present time.

Ricardo Guilherme Dicke é o mais eminente escritor mato-grossense de ficção da atualidade e considerado por Antonio Olinto e Leo Gilson Ribeiro, entre outros, um dos cinco maiores escritores brasileiros vivos. Ele destaca em sua obra, o homem e sua problemática existencial: com suas cargas, à caça de si mesmo; detentor de muitas impressões subjetivas, com toda sua fundamental incerteza. O escritor alcança uma visão literária contemporânea da vida cuja representação do homem – pobre de experiência – atinge a inquietação quando o coloca em questão para se conhecer.

Dicke convoca uma ordem e interpretação da vida humana pontuada por ela própria, isto posto na consciência do personagem, em seus pensamentos e parcamente em suas palavras e ações. O herói de sua obra conserva uma margem de indeterminação nos diferentes aspectos da existência, presentes no texto que "*dans beaucoup de cas l'absence d'explication est la seule façon de donner le sentiment des abîmes de l'âme humaine*". (RAIMOND, 1996, p.180).

Os percalços da *persona* narrativa em seu projeto de ser, são apresentados pelo escritor, numa "força vocabular vulcânica", como observou Guimarães Rosa, em sete romances que consideramos grandiosos pois têm a característica apontada por Michel Raimond (1996, p.182): "*Les grands romans nous montrent des individus enfermés dans leurs points de vue, dans leurs obsessions, dans leurs croyances. A chacun sa vérité.*"

Último horizonte (1988), conta a trajetória de um personagem/escritor, Jerombal Thauutes, acompanhado pela poeta, doutora em física, Kabira Astharte Flox, numa longa noite dentro de casa, especificamente em sua biblioteca. As lembranças de outra noite pululam na insônia do personagem: a festa da família Von Krebs, no aniversário da filha de Margot, sobrinha da mulher do escritor. Jerombal é acompanhado pelo gato Tebas nas suas deambulações ingratas na madrugada enquanto observa o sono da mulher, da filha e o ronronar de Avuela. A voz sensual da locutora de rádio, Collette Thomas está presente ao

---

[1] Professora de Literaturas de Língua Portuguesa, UNEMAT de Pontes e Lacerda, Mestre em Estudos Literários pela UNESP, Araraquara e Doutorado em Teoria Literária pela UFRJ.

mesmo tempo em que a presença fantástica do corvo marca o compasso do "tempo que sempre vem, sem que ninguém peça nem recomende". Nessa noite longa sem sono, depois de tantas reflexões, encontros imaginários e diálogos possíveis, Jerombal cansa-se à medida que o dia se aproxima, levanta da poltrona na biblioteca e vai dormir.

Último horizonte é um livro joyceano em que o leitor é envolvido num fluxo de pensamentos projetados num tempo e num espaço multifacetado, como observou o crítico Hamilton dos Santos. Nele, o leitor vislumbra a representação do homem enquanto caminho, sujeito e não meta, objeto, de acordo com a proposta literária de Ricardo Dicke. Jerombal Thauutes assume o desconforto existencial de um narrador onisciente, fazendo com que o leitor adquira uma nova postura diante da narrativa ficcional, "procurando despertar o desejo de penetrar nas obras como em algo vivo, indispensável para formar a nossa sensibilidade e visão de mundo". (CANDIDO, 1997, p.09). Na constituição do indivíduo atormentado pela crise existencial, faz-se necessário averiguar nesta literatura, de que maneira isso acontece usando, para tanto, o estudo de uma estética literária feita do conhecimento da realidade humana, psíquica e social marcada pelo contraditório. É justamente o desejo de uma interpretação do homem, que move nossa leitura crítica do livro, cuja representação consiste em "analisar a visão que a obra exprime do homem, a posição em face dos temas, através dos quais se manifesta o espírito ou a sociedade." (CANDIDO, 1997, p.34).

Não se trata de perseguir o destino dos personagens ou tencionar compreender apenas contextos em que vive o homem contemporâneo, mas, antes, constatar, com base em acontecimentos pequenos, insignificantes, a substância humana viva e incompleta na literatura dickeniana.

Os personagens representativos dos seres humanos presentes nos romances de Ricardo Guilherme Dicke são vistos pelo prisma de um vir-a-ser, dependente da ação em si do homem e em momentos esparsos por todo o conjunto de livros do artista. Nestas obras, o leitor se põe a questionar qual a perspectiva de conhecimento sobre o personagem quando o matogrossense trabalha a angústia do homem diante de situações, pessoas, causando um estremecimento em estar suspenso onde nada há em que se apoiar? Até que ponto a obra de Dicke determina o desvelamento das diversas esferas do homem?

O modo pelo qual os personagens do romancista Ricardo Guilherme Dicke tomam consciência de si mesmos, advém da própria realidade como ocupantes de um lugar no mundo. Podemos considerar *Último horizonte* como um romance contemporâneo enquanto "método de conhecimento, e principalmente como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo" (CALVINO, 1990, p.121), embora este conhecimento nos seja revelado pela perspectiva do próprio narrador.

Uma interpretação do homem contemporâneo coloca em discussão o controle da aproximação subjetiva por parte do intérprete, reconhecendo o horizonte limitado de sua posição histórica. Atitude fundamental neste início de século, marcado pelo esfacelar de valores, mudança econômica em nível mundial, o domínio das redes de comunicação, a crescente informatização, globalização, competição, super valorização da ecologia, proteção aos animais... contexto no qual o homem vai sendo cada vez mais desprestigiado, fato que nos leva à reflexão dentro da obra e querer extrapolá-la. Também temos como pressuposto, a posição que o artista assume ao lidar com a existência do homem e com seu mundo: de modo idêntico aos dados históricos.

O personagem-narrador de *Último horizonte* representa o homem aberto aos questionamentos da existência: Jerombal Thauutes, sujeito que está às voltas com o

esquecimento do ser para tentar seu desvelamento, perspectiva própria do romance contemporâneo que procura atingir a profundidade do ser humano em luta contra a falta de sentido da vida. Assim exposto, o homem apresenta-se em contraste com a realidade objetiva, o que irá refletir no conteúdo da consciência cindida do personagem. Dessa forma, a tonalidade e o contexto que o homem é enfocado em suas nuances apresenta "o sujeito [que] é um objeto de indagação e problematização. Ele não é considerado como um pressuposto; não é invariante nem invariável." (HUTCHEON, 1991, p.276). Ricardo Guilherme Dicke assume, ao realizar sua obra, a posição de quem interroga, duvida e procura, sem, entretanto, ter em mãos a "verdade" acerca do personagem. É o vaguear e o jogar incessante da consciência, impelida pela mudança das impressões, que se busca averiguar em sujeitos definidos pelo desejo de aprofundamento das relações, precárias, mas fundamentais. Isto presente numa realidade cuja representação do homem na prosa romanesca contemporânea, não procura esconder, antes, expõe a ruptura essencial entre o indivíduo e a sociedade. Esta característica torna-se parte integrante da conduta do homem atual, fazendo-se assim, necessário que conheçamos o processo de abertura, de ponte, entre os elos na cadeia de formação do sujeito contemporâneo.

Ricardo Dicke apresenta uma prosa cujos personagens se podem tomar pela consciência da instabilidade própria da desarticulação que marca e reduz o homem na história, como é o caso do *Último horizonte*, um sujeito que se põe a refletir sobre o sentido de sua vida. A obra define o contraste entre o tempo "exterior" e tempo "interior", levado ao extremo até na mudança formal: por exemplo, o romance sem demarcações de capítulos ou quaisquer outras divisões, bem como a experiência de vida dos personagens, definidos histórica e socialmente ao confluir na ação, situações caracterizadoras do herói problemático, em conflito com o mundo no qual a saída parece ser o refúgio em si mesmo, enfoque principal desse livro.

Numa leitura atenta do livro, a compreensão surge na mesma intensidade do amadurecimento no homem, como ele adquire consciência do sentido do ser, enquanto transcendência, ao longo das páginas do romance do ficcionista mato-grossense. Nessa narrativa, desconsidera-se a noção de sujeito unificado, completo e único. A fim de possibilitar uma discussão filosófico/literária da questão, o que é o homem contemporâneo, a analítica existencial mobiliza uma tarefa cuja urgência é despertar o homem do esquecimento do ser para seu desvelamento. Também ao procurarmos entender de que forma se diferencia a memória (o Esquecimento que a tudo corrói) presente na ficção de Dicke, ou saber os meios de acontecimentos reflexivos acerca do sentido da vida na obra do escritor, ainda pouco explorada pela crítica literária, levantamos estas e outras questões, muitas vezes instigantes, ao iniciarmos a leitura interpretativa dos seus romances.

Em Dicke, as narrativas apresentam o homem imerso em uma realidade diferente. Ele é visto por um ângulo individual, com uma subjetividade problematizante, uma "criatura despedaçada que derrama partes de si mesma" (HUTCHEON, 1991, p.211) em cada linha, página do texto. A história de opressão e desencanto para com a vida está concomitantemente relacionada numa linguagem poética, dentro de uma finalidade. A obra do escritor mato-grossense pertence a um tempo em que o artista investe criticamente contra a realidade exposta numa ânsia em "descobrir novas formas de dizer as coisas", na esperança que ele tem de poder mexer "com o conteúdo, com a alma das pessoas."

Jerombal Thauutes, *Último horizonte*, é o personagem inquisidor do mundo e da vida que traz em si reservas inesgotáveis de questões extraídas do desespero por não compreender o universo que o cerca nem de se fazer entender, transformando-se num

“drama de todos, de tudo; da vida malfeita, dos homens mal vividos”. (CANDIDO, 1992, p.35). Também encontramos no *Homo fictus* do prosador mato-grossense, o símbolo das condições gerais da literatura ocidental pós-moderna: um olhar expresso pela linguagem num discurso da existência feita frágil, reivindicante de poder, mas filosoficamente humilde, sabendo que não tem o controle absoluto da vida. Esta aparente inescrutabilidade do personagem de Dicke, atinge um ponto alto em *Último horizonte*.

Analisar o homem na obra de Ricardo Dicke instiga a traçar um perfil do herói em contextos diferentes, mas com uma característica comum: a construção de uma personalidade estranha com hábitos singulares, para se chegar ao conhecimento da consciência do homem, é um “labirinto de coisas e fatos em que se perdeu.” (BOSI, 1995, p.453). Com a intenção de aprofundar a compreensão desse tema, na trajetória do herói contemporâneo, faz-se necessário considerar o sujeito e suas contradições dramatizadas.

O estudo do homem nesta narrativa do escritor mato-grossense exige uma reflexão sobre a natureza da linguagem, do fechamento narrativo, de sua representação, bem como do contexto dentro de estratos da experiência humana cuja revelação é o objetivo da arte contemporânea.

Tendo em vista o perfil do homem contemporâneo estampado em personagens diante de possibilidades sobre as quais se projetam, a leitura crítica encaminha a compreensão da tendência e atitude interrogativa sobre a interpretação da vida incorporada pelos “seres de papel”.

Ao conhecermos esses personagens, os encontramos perdidos num ambiente muitas vezes indesejado, fato que os levam a buscar refúgio interior. Ao contrário do herói clássico, os personagens de Dicke, não expõem façanhas nem aventuras fantásticas, andam em busca do que se perdeu: a compreensão de si mesmo. Por meio de processos psíquicos, o mundo fictício vai se desenrolando para que o leitor entre em contato com os “entes que povoam o mundo romanesco” (SCHÜLER, 1989, p.40) e passe a viver a experiência deles. Os “seres intencionais” (CANDIDO, 1970, p.35) apresentam aspectos que proporcionam a probabilidade do homem conhecer mais de si mesmo por meio da *persona* narrativa.

Realizar uma leitura atenta da obra de Ricardo Guilherme Dicke é ter como prerrogativa, apreender situações que denotem o comportamento dos personagens em estados psíquicos, críticos, fazendo o homem “funcionar” em uma inesgotável e insondável capacidade de colisão de valores nesses tempos modernos. Procurar conhecer os seres humanos, ali representados, é reconhecer o quão difícil é passar por “situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida, sejam [eles] trágicos, grotescos ou luminosos”. (CANDIDO, 1970, p.45).

Outro pressuposto ao avaliar o homem contemporâneo na obra de Dicke, é sabê-lo como alguém que dirige seu olho, principalmente a exceções. Ao Entendermos o homem contemporâneo enquanto uma construção de valores e não como alguém portador de uma verdade absoluta, inserido em fatos eternos, para vê-lo participante de acontecimentos pequenos. Interpretar as entidades narrativas de Dicke, exige um olhar atento na ficção, um espaço da consciência humana de “ser autoconsciente e livre para, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a própria situação”. (CANDIDO, 1970, p.48).

Em *Último horizonte*, ao descobrirmos no ser fictício as marcas de um tempo caotizado pela falta de comunicação nas relações, impresso no ser humano cuja convivência espiritual mostra uma variedade de modos de ser; sem referencial, define os personagens com suas maneiras fragmentárias, insatisfeitas, incompletas com as quais se elabora o conhecimento da pessoa real.

Orientando-nos pelas estruturas que compõem o ser do homem, a idéia de transcendência deve estar sempre presente: “o homem é algo que se lança para além de si mesmo”. (HEIDEGGER, 2001, p.85).

O personagem na obra dickeniana tem postura contemplativa. Isto se deve ao fato de “o ser cujo sentido se trata de recuperar, é um ser que tende a identificar-se com o nada, com as características efêmeras do existir, como que fechado entre os termos do nascimento e da morte.” (VATTIMO, 1987, p.100). É, no sentido de se evidenciar um sujeito em face de encontrar algo de verdadeiramente relevante para si, sem uma direção a seguir, nem caminho seguro a percorrer. Este pressuposto é uma contribuição da “pós-modernidade para os estudos de literatura, [sendo] a abertura para se falar não só do texto literário, mas também sobre a vida, o comportamento.” (YUDICE, s.d., p.52). Assim é a narrativa literária que Ricardo Dicke trabalha, no sentido de entender o homem e seu universo da maneira mais ampla possível.

O desacordo do sujeito com o mundo que Dicke se esmera em denunciar/iluminar vem ao encontro de uma concepção do homem contemporâneo em seu existir cujo “pensamento que compreende e que pensa a relação de ser e pensar, é a própria questão do ser como tal.” (HEIDEGGER, 1999, p.281).

Personagens esfacelados, perdidos entre muitas verdades e poucas certezas na narrativa de Dicke assumem a representação da pessoa real, “apreendida na multiplicidade de observações” (AUERBACH, 1998, p.255) a respeito de fatores essenciais para compreender a si próprio. O ser no mundo cotidiano, desprestigiado por causa da multiplicidade de modos de ocupação é o *leitmotiv* de *Último horizonte.*

Em cada obra de Dicke, o homem é visto em potencialidade para se mostrar por si mesmo: o homem de *Rio abaixo dos vaqueiros* (2000) é o maior exemplo dessa premissa. Ali estão suas ambições desmedidas, a falta de escrúpulos para alcançar seus objetivos, sentimentos distorcidos ao se relacionar com seu semelhante. Nesse aspecto, este personagem aceita “as tensões, os limites e as características diferenciais das situações e modos de ser”. (HEIDEGGER, 2001, p.314).

Uma das grandes contribuições da teoria pós-moderna para o estudo da literatura é a observação da pessoa, a personalidade, o indivíduo, colocado sob diferentes aspectos de interpretação. No entanto, adotamos àquela de proveniência filosófica que, transposta para o campo da Literatura irá circunscrever o sujeito desreferenciado no que tange a experienciar o mundo.

Como acentua Nizia Villaça (1996, p.38), a Literatura Contemporânea no que diz respeito à representação do homem, o contempla marcado pelo: “múltiplo, estigmatizado pela falta, descentrado, uma verdadeira estrutura dissipativa onde ordem e desperdício se conjugam”. Nesta perspectiva, pensamos o homem, na alternância de subjetividades como ponto indispensável para repensar o indivíduo enquanto sujeito e agente social.

Dessa maneira, para se entender a representação do homem contemporâneo na obra de Dicke, iremos nos deparar com várias visões filosóficas do indivíduo e do sujeito articuladas à problematização de sua existência, permeada pela temporalidade. Para isso, é preciso trilhar os caminhos de enlace entre Filosofia e Literatura a fim de delinear a presença do homem, ente em busca do ser, constituído de tempo.

Referências

AUERBACH, Erich. *Mimesis* – A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1998.
BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* São Paulo: Cultrix, 1995.
CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio.* Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
CANDIDO, Antonio. et alli. *A personagem de ficção.* São Paulo: Perspectiva, 1970.
CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios.* São Paulo: Ática, 1997.
CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão***.** Rio de Janeiro: 34, 1992.
DICKE, Ricardo Guilherme. *O último horizonte*. Cuiabá: Marco Zero – Secretária Municipal de Educação e Cultura de Cuiabá, 1988.
DICKE, Ricardo Guilherme. *Rio abaixo dos vaqueiros***.** Cuiabá: lei estadual de incentivo à cultura, 2000.
HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos***.** Trad. Ernildo Stein. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo***.** Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2001, Vol. 1.
HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo***.** Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2001, Vol. 2.
HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*: história, teoria, ficção**.** Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
RAIMOND, R. *L'ère du vide***.** Paris: Gallimond, 1996.
SCHÜLER, Donaldo. *Teoria do romance***.** São Paulo: Ática, 1989.
VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade***;** niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**.** Lisboa: Presença, 1987.
VILLAÇA, Nizia. *Paradoxos do pós-moderno*: sujeito e ficção**.** Rio de Janeiro: ed. Da UFRJ, 1996.
YUDICE, George. *O pós-moderno em debate*. *Ciência hoje*, s.d. Vol. 11, nº 62.